

## OS PÍNCAROS DO ABISMO

Gutemberg Armando Diniz Guerra<sup>1</sup>

COSTA, Marcos Samuel. **Os abismos**. Belém: Folheando, 2021.

Mergulhei em "Os abismos" de Marcos Samuel Costa, adquirido na Feira do Livro e Multivozes realizada em Belém em Agosto de 2024, e sem abrir o compêndio sequer para ler a dedicatória, ali mesmo conversei um pouco com o poeta e com o Professor Paulo Nunes, compartilhando chocolate quente, café com leite, pão de queijo e pães com ovo, escutando e tentando conhecer um pouco mais do jovem que se projeta celeremente no mundo literário com premiações a cada ano, no Pará e além das fronteiras amazônicas. Embarquei no diálogo querendo saber mais dele que insiste em assumir em seus escritos, sejam eles em verso ou prosa, declarações de personagens homoafetivas em uma espécie de militância corajosa nesses tempos de contradições e maus tratos a quem se declare fora dos padrões e enquadramentos hegemônicos.

Seus poemas se caracterizam por uma estética que joga com sonoridades da língua portuguesa e recursos dialéticos ora beirando o mais concreto, ora tangenciando figuras surrealistas, misturando fantasias, sonhos e realidade. Os poemas são carregados de juras de fidelidade e confissões de traições, de encantamento pelo e ciúmes do amado, de decepções e amarguras pelas desilusões desfeitas no ser humano que o outro também é.

Andei atento na leitura, garimpando o termo "abismos", que dá título ao livro e supus ser uma indicação importante para o conjunto de poemas. Demorou um pouco a aparecer aquele que tomei como pista e me espantei que houvessem tão poucos nas primeiras páginas do conjunto de versos:

"Só teus abismos me fazem cantar" (p. 32).

"Minha cura é teu abismo

Tomando Coca-cola no calor

E abrindo a barriga dos inimigos" (p. 33).

"Devem ter roedores

Morando nos abismos" (p. 48).

Fui encontrar a maioria deles na parte mais avançada do livro, em um bloco derradeiro em que o termo título se repete como subtítulo: ABISMOS ÚLTIMOS ABISMOS. Senti-me inicialmente logrado porque não tive inspirações nem impressões de profundidade e escuridão nas ideias que vieram na primeira leitura que fiz. Associei abismo sempre a escuridão, silêncio, isolamento. Ao contrário, vi o poeta desnudando-se cada vez mais, como quem anda na superfície ou nas alturas e píncaros de reflexões sobre si mesmo.

Ao ler o posfácio escrito por Dércio Braúna gostei da imagem que ele usa de associar a leitura ao convite para um entrar em uma casa e aos mistérios que ela encerra. Nesse texto inspirado na proposta título de Marcos Samuel Costa, o posfaciador viaja com uma criatividade e imaginação que dá muitas pistas e sinaliza para um diálogo em que se ressaltam as qualidades do autor.

Depois de ter começado essa resenha e não ter conseguido terminar logo de imediato, fiquei lembrando versos, sob o incômodo das relações humanas expostas nos poemas. Há um erotismo explícito e sob o risco do preconceito redutor a um padrão dominante biológico e dual.

---

<sup>1</sup> Doutor em Socio Economia do Desenvolvimento pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, França (1999) e Professor associado e aposentado pelo Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares da Universidade Federal do Pará. E-mail: gguerra@ufpa.br

Mais que isso, sob o julgamento da cultura cristã, o assumir a homoafetividade os autores e os textos ficam encarcerados na sexualidade, desprezando-se os outros aspectos do afeto, do amor e da humanidade que ali se espraiam e explicitam.

Houve um tempo que a literatura erótica era proibida, contida, clandestina, mesmo que enquadrada no heterossexualismo. Alguns autores de Língua Portuguesa burlavam as normas dominantes e se destacavam como marginais, embora se notabilizassem pela ousadia, humor e rebeldia em seus versos e prosas, como foram os casos de Gregório de Matos e Guerra no século XVII, Manuel Maria Barbosa de Bocage no século XVIII, e Jorge Amado, mais recente e enquadrado no século XX, em romances reconhecidos em todo o mundo. De comum entre eles, ressalte-se também o uso de termos vulgares, o que não deixa de ser um recurso para provocar as reações dos leitores e ambientes pudicos. Posso ainda citar Vargas Llosa que em um de seus romances constrói um personagem masculino e lhe atribui a homossexualidade como forma de detratar o militante de esquerda que ele procurava encontrar. A busca e encontro da pessoa de quem ele tinha ouvido falar faz parte do enredo do romance tanto quanto o revelar essa característica de orientação sexual como elemento negativo da personalidade do suposto biografado.

Não considero a literatura produzida por Marcos Samuel Costa enquadrável como específica no campo do erotismo porque seria reduzir seus textos a apenas um aspecto, contrariando sua proposição de explorar sentimentos humanos e relações sociais muito mais amplos e profundos. A riqueza de suas reflexões ultrapassa o campo da homoafetividade, tanto quanto a obra dos autores citados acima que, embora explicitassem aspectos da heterossexualidade, se firmaram por conta dos conteúdos sociais que abrigavam, inclusive os de natureza e gênero biológicos. No caso deste livro, enfrentará as contradições comuns a esse tempo nebuloso que vivemos, em que pese os admiradores que arregimentará por conta da qualidade e de ventos favoráveis ao combate da hipocrisia e dos que insistem em negar a amplitude e liberdade de expressão da diversidade de orientações sexuais.

*Os Abismos* (obra) ficará vibrando em minha memória e tenho a impressão de que serei convidado a revisitá-lo para checar aspectos ainda embotados por minha visão limitada de literatura e compreensão pouco desenvolvida sobre o ser humano.

Aos que ainda não visitaram essa casa aberta, como disse Dércio Braúna no posfácio, recomendo uma entrada e tomada de intimidades com o texto desse esteta da palavra e dos sentimentos. Não se decepcionarão e serão surpreendidos pelo que ali está contido e revelado.

**Data de submissão:** 13.10.24

**Data de aprovação:** 10.12.24